



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

RAFAEL NÓBREGA ARAÚJO

**NAS ARTES E PRÁTICAS DE REZADEIRA: história de vida e memória em
diálogos interculturais no ensino de História**

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

RAFAEL NÓBREGA ARAÚJO

NAS ARTES E PRÁTICAS DE REZADEIRA: história de vida e memória em diálogos interculturais no ensino de História

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Área de concentração: História

Orientador: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663a Araújo, Rafael Nóbrega
Nas artes e Práticas de rezadeira: história de vida e memória em diálogos interculturais no ensino de História [manuscrito] / Rafael Nobrega Araujo. - 2017.
36 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão, Departamento de História".

1. Ensino de história 2. Mulher rezadeira. 3. Memória I.
Título.

21. ed. CDD 372.89

NOME DO ALUNO

RAFAEL NÓBREGA ARAÚJO

NAS ARTES E PRÁTICAS DE REZADEIRA: história de vida e memória em diálogos interculturais no ensino de História

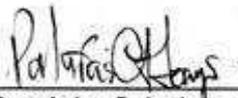
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Área de concentração: História

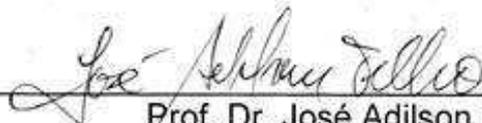
Orientador: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão

Aprovada em: 09/08/2017.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador interno

À minha bisavó Anália de Farias Leite (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À querida professora Patrícia Cristina de Aragão, que esteve comigo oferecendo todo o suporte necessário desde os meus primeiros anos no curso. Mulher forte e inspiradora, de uma energia incrivelmente contagiante. Sempre muito prestativa, carinhosa e profundamente atenciosa. Exemplo de orientadora, educadora, historiadora e amiga. A quem sou profundamente grato por tudo. Não poderia ter encontrado orientadora melhor e mais capaz.

Ao professor José Adilson Filho que muito me ensinou ao longo da graduação, cuja visão e postura, profissional e humana, me inspiraram, aumentando ainda mais meu amor pela História.

Ao professor Azemar dos Santos Soares Júnior, cujo olhar acurado e dotado de profunda sensibilidade, contribuiu na leitura e direcionamentos para este trabalho.

À todos os professores do curso de História pela contribuição na minha formação, em especial, os professores Jefferson Nunes Ferreira e Anselmo Ronsard Cavalcanti, dos quais fui monitor e com quem partilhei momentos de que guardarei com afeto em minhas lembranças.

À minha família, em especial, minha mãe Ana Lúcia Araújo de Freitas e meu pai Edézio Nóbrega Araújo por todo amor, carinho, dedicação e suporte que me deram.

Às minhas irmãs Ana Flávia e Gabrielle Nóbrega, à minha prima Hannah Nóbrega por tornarem meus dias mais agradáveis.

A minha avó materna Judite Ana, cujas memórias e história de vida inspiraram este trabalho.

Aos meus avós paternos Maria Rita e Manoel, pela proteção e cuidado.

Às minhas tias Élide e Edneide, pelo incentivo, e em especial à minha tia Edna Nóbrega, que quem tenho a honra de também ser afilhado, pelo afeto e inspiração no ofício de historiador.

Aos sujeitos escolares partícipes desta pesquisa, que tornaram o trabalho possível.

Às amizades tecidas ao longo do curso de: Túlio, Alex, Evanilson, Felipe, Alisson, Jones e Yuri, companheiros de jornada.

À toda turma de História do semestre 2013.1 da manhã, pelas lutas compartilhadas.

SUMÁRIO

	Agradecimentos.....	i
	Resumo.....	ii
	Sumário.....	iii
1	INTRODUÇÃO.....	7
2	HISTÓRIA DE VIDA, MEMÓRIA DE REZADEIRA: uma leitura dos saberes e práticas de reza a partir da História Cultural.....	12
3	NOS TERRITÓRIOS DA INTERCULTURALIDADE: desafios e possibilidades para o ensino de História no cenário escolar campinense.....	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	34

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as práticas das rezadeiras no espaço escolar a partir do diálogo intercultural entre o ensino de História e o saber destas mulheres no contexto da história cultural da educação, bem como o papel educativo das rezadeiras no espaço escolar, enfatizando a memória e a história de vida destas mulheres como educativas a partir do cenário campinense. Através de um saber-fazer construído na tradição oral das práticas de cura e reza que assumem no cotidiano, um caráter alternativo ao saber médico, dito oficial, a figura da rezadeira emerge enquanto representante do conhecimento popular adquirido na experiência de vida, e encontra nas tessituras da memória e da oralidade uma forma de educar. Na perspectiva intercultural, tais saberes podem compor o currículo e se constitui enquanto uma possibilidade educativa no contexto escolar quando em interface com o ensino de História. Dessa forma, discutimos o tema no campo da História Cultural da Educação a partir de interlocuções teóricas com Certeau (2008), Foucault (1996, 2015), Candau (2014a, 2014b) e Pacheco (2010), no sentido de problematizar a elaboração de práticas cotidianas a partir de uma operação de consumo, que se configura como uma alternativa a normatização do saber científico socialmente valorizado, procurando promover o reconhecimento de outras formas de saber. Recorremos aos relatos orais de uma mulher rezadeira como fonte analisada à luz da metodologia em História Oral, atrelada a análise de conteúdo das falas de alunos e professora de História sobre as possibilidades do diálogo com os saberes das experiências de vida e o ensino de História. Conclui-se que, apesar de não ser reconhecido ou incluso no currículo, estes saberes se apresentam como uma importante possibilidade de ensinar história a partir do viés intercultural.

Palavras-chave: Práticas de reza. Mulher rezadeira. Intercultural. Ensino de História.

1. INTRODUÇÃO

Nos fios e tramas que têm as trilhas da História, as rezadeiras emergem enquanto categoria social pouco visível, cujo ofício calcado na sabença da tradição popular, que é intergeracionalmente construído, permite depreender múltiplos sentidos da ação desenvolvida por essas mulheres e suas práticas.

Como praticantes de um saber que ao sabor do tempo foi ganhando contornos, tecer uma narrativa sobre mulheres rezadeiras e suas práticas de cura como objeto de estudo, pressupõe a compreensão da emergência de novos sujeitos históricos, que ganharam visibilidade propiciada pelo advento da Nova História Cultural. Tendo em vista este marco no campo da historiografia, houve a promoção de uma nova perspectiva teórico-metodológica, que ampliou o leque de possibilidades do historiador e de sua operação historiográfica.

Na pesquisa em história, ao se falar em uma nova perspectiva e olhar, observa-se outra forma de os historiadores trabalharem com a cultura, conforme destacado por Burke (2012). A Nova História Cultural não se trata, pois, de fazer uma História da Cultura, ou uma História do pensamento, nem tampouco estudar o que se convencionou chamar de “cultura erudita”, mas sim dar ênfase ao termo “culturas” no plural e em um sentido cada vez mais amplo, percebendo as múltiplas formas de expressão e tradução da realidade e suas formas simbólicas que os sujeitos produzem no seu cotidiano¹.

No que se refere a este debate, pode-se destacar as elucubrações teóricas de Pesavento (2004), pois, para a autora, a Nova História Cultural trata de pensar a *cultura* “como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 15). O olhar de Clio se volta para questões e problemas até então negligenciados, ou “esquecidos”, e, diante disto, a História só tem a ganhar com a expansão do domínio da História Cultural.

¹ Uma discussão sobre o processo de mudança paradigmática no campo da História pode ser vista em Burke (2008), onde o autor explica a emergência, sobretudo, a partir da década de 1970, dos aspectos culturais humanos como centro do conhecimento histórico. Verificando-se uma “virada cultural”, com a qual foram ampliados temas e metodologias, enriquecidas com os debates e aproximações de outras disciplinas. Cf. BURKE, Peter. **O que é história cultural?**; tradução Sergio Goes de Paula. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Para Chartier (2015), a História Cultural se tornou um dos campos mais vigorosos e debatidos no âmbito histórico, e, conforme suas diferentes heranças e tradições, privilegiou objetos e métodos distintos². Neste sentido, cabe ressaltar o uso recorrente dos historiadores das noções de *prática* e *representação*, permitindo o exame tanto dos objetos culturais produzidos, quanto dos sujeitos produtores e receptores de cultura no processo que envolve a difusão e a recepção cultural (BARROS, 2011).

Ocorre, então, que se transferiu o foco historiográfico do papel de produção dos bens culturais pelos grupos produtores, para ter-se uma percepção da maneira pela qual os grupos consumidores operam através de suas práticas (maneira de fazer), e consumir determinados “bens culturais”, possibilitando:

considerar esses bens não apenas como dados a partir dos quais se pode estabelecer os quadros estatísticos de sua circulação ou bem como o repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias (CERTEAU, 2009, p. 88).

Dentro deste contexto teórico-conceitual, delimitamos o território da discussão de nossa pesquisa, pois, ao longo deste trabalho, nosso foco reflexivo é o saber-fazer educativo presente nas práticas médicas de cura e nas memórias de mulheres rezadeiras, que tomamos como referência nesta pesquisa, assim como os conhecimentos de uma rezadeira da cidade de Campina Grande – PB. Ainda na ocasião procuramos perceber como o saber desta mulher influencia no meio educativo e compreender como o mesmo dialoga com o espaço escolar.

Este saber, elaborado a partir de suas práticas de reza transmitidas intergeracionalmente, encontra-se representado no imaginário social conferindo-lhe o poder de cura e o reconhecimento do seu papel na comunidade em que desenvolve o seu ofício.

Ressaltamos que estes conhecimentos produzidos se trabalhados como meio de aprendizagem e que ao serem reconhecidos e inclusos no contexto escolarizado através do currículo na perspectiva da interculturalidade, permite que na escola os/as alunos/as tenham acesso a outro modo de educar e ensinar o saber histórico

² Chartier (2015) promove um rico debate buscando traçar em linhas gerais as mudanças ocorridas no âmbito da História, destacando a mudança de enfoque do social para privilegiar o cultural. Cf. CHARTIER, Roger. “Do social ao cultural” In: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**; tradução de Cristina Antunes. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

escolar oriundo de uma tradição oral intergeracional com base no saber da experiência de vida de rezadeiras.

A esse respeito Bondía (2002) chama atenção que “[...] A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Com base nesse pensamento de Jorge Larrossa Bondía³ os acontecimentos da vida da rezadeira, sobretudo suas práticas de cura e o conhecimento que esta tem em relação ao seu ofício, pode, na escola, sob uma perspectiva intercultural, empreender a discussão sobre religiosidade, diversidade religiosa, trazendo as práticas fomentadas por essas mulheres. Permite também o diálogo inter-transdisciplinar da História com outros campos do saber.

Como objetivo geral, propomos analisar as práticas das rezadeiras no espaço escolar a partir do diálogo intercultural entre o ensino de História e o saber destas mulheres, vistos à luz da perspectiva educacional. Como objetivos específicos, buscamos mostrar, como no contexto da História Cultural das Práticas Educativas, a prática das rezadeiras propiciando a interface de saberes entre o conhecimento destas mulheres e o saber histórico escolar.

Identificar, através da narrativa de memória de rezadeira, o seu percurso de história de vida, assim como a relação deste com suas práticas de reza e discutir sobre a importância de inserção no ensino de História dos saberes e práticas das rezadeiras enquanto educativos.

Como problema de pesquisa apresentamos o seguinte questionamento: de que modo as práticas da rezadeira, sua história de vida e memória são educativos e dialogam interculturalmente com a escola através do ensino de História? Nosso trabalho se situa no campo do ensino de História a partir da perspectiva da História Cultural das Práticas Educativas, fazendo uma interrelação com a interculturalidade ressaltando no contexto da história da educação campinense os valores, a estética educacional que o saber e ofício que as rezadeiras possuem pode propiciar no campo da educação.

Neste sentido, esta pesquisa foi margeada pelos limites ligados à experiência do pesquisador que vos escreve, bem como da rezadeira entrevistada, Dona Judite,

³ Em fala proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, Bondía (2002) reflete acerca da sua concepção de saberes da experiência. O autor observa que a experiência não é aquilo que se passa todos os dias, mas aquilo que nos acontece, que nos marca e representa um significado. Cf.: BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19 Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

oferecendo um material que resulta no entrelaçamento de experiências, memórias e histórias de vida desta rezadeira.

A relação com este tema surgiu desde cedo, pois convivi com a presença de rezadeiras em diversos momentos da minha vida familiar: minha falecida bisavó paterna era rezadeira, bem como a minha avó paterna e minha avó materna o são. Foi neste universo de mulheres praticantes de reza que eu vivi, e o que me chamou a atenção foi o conhecimento construído por gerações de rezadeiras e a ausência delas no contexto escolar. Na História das práticas educativas escolares não se tem discussão no currículo sobre o saber-fazer da rezadeira.

Articulada a minha história de vida com as práticas medicinais de cura por intermédio das plantas e benzeção, as quais a natureza e o sagrado constituíram a crença nas rezadeiras, fui sendo educado neste espaço de fé e de confiança. Posteriormente veio meu ingresso na graduação em História e nele participei do projeto “*Tecendo vidas, ensinando história, leituras de mulheres: memória e identidade na educação intercultural*” (2014/2015) com a Professora Doutora Patrícia Cristina de Aragão, onde pude unir a minha história de vida com as rezadeiras e a pesquisa histórica com mulheres rezadeiras, trazendo tal reflexão para o campo educacional, no ensino de História pelo viés intercultural.

Com uma saúde um tanto quanto frágil quando era criança, sempre era acometido por crises periódicas da minha anemia hereditária (do tipo beta), então, era de costume ser “rezado” ou “benzido” no intuito de curar ou amenizar tais períodos da doença. Além disso, era comum que pessoas de outras localidades procurassem as rezadeiras da família no intuito de resolver problemas de ordem emocional atribuídos ao *mal olhado* ou *coisa colocada*.

Deste modo, o universo dos chás e lambedores também fizeram parte do meu campo de experiência de vida. Foi diante desta vivência cotidiana com estas praticantes que emergiu o meu encantamento com sua arte de compreender o potencial das ervas, modos e formas de rezas, de se relacionar com elas propiciando o bem estar das pessoas que as procuram, que me chamou atenção o seu ofício como importante de ser problematizado no campo da educação no ensino de História e o viés intercultural me deu este respaldo teórico para pesquisar sobre elas.

A partir de então foi possível atrelar matéria e forma de conhecimento acerca da temática, e diante do conhecimento adquirido pelas vias da pesquisa acadêmica,

foi alimentado o desejo de investigar sobre essas práticas e o saber desenvolvidos por estas mulheres através de suas memórias, que em mim, sempre provocaram um misto de inquietude e admiração.

O projeto de Iniciação Científica (2014/2015) versava sobre a identidade, história de vida e memória de mulheres de diversos espaços de pertencimento religioso, foram entrevistadas 7 (sete) mulheres, onde dentre as narrativas tecidas, a que mais me chamou atenção foi justamente a da rezadeira. Com o interesse de pesquisar um tema tocante às experiências pessoais, a oportunidade estava dada para meu encontro com esta temática.

Como meio de conhecer o saber-fazer das rezadeiras presentes nas suas práticas de reza, suas memórias e suas histórias de vida, desvelando sua conotação educativa, no utilizamos da História Oral como instrumento de sondagem das experiências que figuram em texto. A metodologia em História Oral assume neste estudo um papel fundante, pois através dela se pode ouvir o Outro, oportunizando conhecer e se aprofundar em suas particularidades, valorizando as experiências de vida individuais e singulares.

Compreendo que as fontes orais permitem problematizar a constituição da memória como “principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis [...] dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças” (DELGADO, 2010, p. 16).

O trabalho com esta fonte trata-se de uma operação que envolve sinais exteriores que são referências e estímulos para o afloramento de lembranças e recordações individuais, que segundo Halbwachs (2003) se relaciona com os quadros sociais da memória. Portanto, os relatos orais devem ser entendidos enquanto fontes cujas singularidades devem ser respeitadas, pois permite revelar a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos.

O trato com esta fonte parte de uma operação de sensibilidade que envolve perceber que “o tempo da memória se distingue da temporalidade histórica, haja vista que sua construção está associada ao vivido, como dimensão de uma elaboração da subjetividade coletiva e individual” (MONTENEGRO, 2013, p. 20). Desta forma, entendo os relatos orais enquanto fontes cujo caráter singular deve ser percebido como legítimo para a construção da escrita historiográfica que permite, através da colaboração do processo de rememoração, refletir sobre as práticas enquanto educativas e reconhecer a importância destas histórias de vida.

O depoimento oral aqui utilizado se constituiu como a principal fonte e recurso metodológico, na tentativa de compreender o universo da rezadeira, suas práticas culturais e seu saber-fazer intergeracional. Advogando da ideia que as memórias dessa mulher se encontram acumuladas as suas experiências de vida, procurei neste estudo, reproduzir as falas da depoente tal como foram narradas, no intuito de apontar para a originalidade do discurso, como nítida expressão de uma categoria de mulheres podadas de adentrar no universo da escrita. Reconhecendo, contudo, a limitação decorrente da transcrição dos depoimentos, vistos que existem gestos e sons que a linguagem escrita não foi capaz de dar conta.

Como sujeitos que fizeram parte desta pesquisa tomamos como evidência o depoimento de Dona Judite, rezadeira há mais de cinquenta anos, cuja história de vida tem ligação com a minha trajetória, pois se trata também de uma praticante de reza e que, por laços de afinidades familiares, é minha avó. Em interface com a análise de conteúdo das falas de sujeitos escolares (professora e alunos), coletadas no contexto do projeto “*A história ensinada e o currículo intercultural: memória, identidade e práticas educacionais*” (2015/2016), também com a Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, que teve como lócus de pesquisa a Escola Pública Municipal da cidade de Campina Grande, situada no Bairro das Cidades, zona sul da cidade. Partimos de um estudo qualitativo realizado a partir da análise de questionários estruturados aplicados com a professora de História e os alunos de uma turma do 9º ano da referida escola⁴. A partir das práticas de reza, história de vida e memória de rezadeira estabelecer uma conexão entre estes saberes e o ensino de História no contexto escolarizado.

2. HISTÓRIA DE VIDA, MEMÓRIA DE REZADEIRA: uma leitura dos saberes e práticas de reza a partir da História Cultural

“Por sabedoria entendo a arte de tornar a vida mais agradável e feliz possível”.
*(Arthur Schopenhauer)*⁵

[...] eu não me nego de rezar ninguém, se vier atrás de mim para rezar.

⁴ A priori, o objetivo era aplicar questionários estruturados com a turma e realizar uma entrevista semi-estruturada com a professora. Todavia, as perguntas que iriam nortear a entrevista, conforme solicitado pela docente, foram respondidas em forma de questionário. A professora optou por não conceder entrevista, mas em responder ao questionário.

⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. **Pererga e Paralipomena**, pequenos ensaios filosóficos; tradução Rosana Jardim Candeloro. Edição bilíngue. Porto Alegre: Editora Zouk, 2016.

(Trecho da entrevista realizada com Dona Judite, 25 de janeiro de 2015).

Trabalhar sobre memórias de vozes durante tanto tempo silenciadas é trazer para o universo cultural essas histórias que a própria História não abarcou, mas que se tornam importantes desvelá-las no contexto educacional. Partindo desta epígrafe podemos depreender que no seu universo vivencial o ser humano busca, na contextura de sua vida, torná-la mais agradável e feliz, possível para si e para os outros. Através da sabedoria advinda de suas práticas de reza adquiridas de uma tradição milenar, e transmitida intergeracionalmente no cotidiano popular, o ofício de mulheres rezadeiras contribui para tornar a vida das pessoas de sua comunidade mais agradável.

Percebe-se também, que o ser humano se traduz de diversas formas, e a tradição humana no cultural pode ser visualizada através de práticas que são invisibilizadas no contexto educacional, que, entretanto, na vida cotidiana, ganham contornos, cores, sentidos e significados. Deste modo, se torna importante perceber como a memória de rezadeiras e as histórias que elas têm a nos contar através das suas práticas, humanizam o sentido, não apenas da cultura, mas da relação humana do cotidiano, pode estabelecer uma interface dentro de uma perspectiva intercultural com o universo escolarizado.

Pensando nesta perspectiva, a personagem que faz parte das tramas e enredos do nosso estudo é uma rezadeira, cujas práticas, como uma arte, vêm se desenvolvendo desde a sua meninice. Dona Judite nascida em 08 de junho de 1940 no município de Cabeceiras⁶ é a caçula de uma família de 11 filhos, dos quais hoje estão vivos apenas ela e o irmão Juraci, que foram gerados da união de Ana Herculana do Espírito Santo e Filomeno Agostinho de Araújo.

Para ajudar a família no roçado começou a pegar na enxada desde os 5 anos de idade, aposentou-se como agricultora no município de Barra de Santana, mas somente aos 76 anos abandonou a atividade de criadora de animais no sítio Torres, localizado no mesmo município, para dedicar-se a cuidar da saúde, vindo a morar na cidade de Campina Grande desde 2016. Casou-se aos 17 anos com Francisco

⁶ No ano de 1959 o município de Boqueirão (ainda sob o nome de Carnoió, visto que só seria assim chamado em 1961) adquiriu emancipação administrativa em relação à Cabaceiras através da lei estadual nº 2078 de 30 de abril do referido ano. Barra de Santana, o município em que Dona Judite residia à época da entrevista, pertencia ao distrito Bodocongó do município de Boqueirão, somente com a lei estadual nº 5925 de 29 de abril de 1994, foi desmembrado de Boqueirão e instalado como cidade em 1 de janeiro de 1997.

Rodrigues de Freitas (o finado Chico), com quem teve 10 filhos, dos quais 9 ainda estão vivos. Aos 19 foi mãe pela primeira vez.

Devota de Nossa Senhora Aparecida e Santa Luzia, seu contato com a reza se deu no seio familiar, de tradição católica, onde sua avó materna Herculana Maria da Conceição era rezadeira, que por sua vez transmitiu o saber à sua mãe. Aos 10 anos, sofreu um acidente doméstico, onde uma chaleira contendo chá fervente derramou sobre sua perna e pés. Desde então, ao observar o ofício de mulheres rezadeiras que iam rezá-la em casa começou a aprender e desenvolver suas práticas de reza e cura. Portanto, suas memórias remanescentes portam a história e a tradição de toda a sua família.

Sentada à porta de casa em um tamborete, recostada na parede, Dona Judite observa o horizonte através do terreiro de casa onde algumas galinhas ciscam o chão. Assim ela recorda:

Finado Bastião de Biu Bezerra que me ensinou picada de cobra; dor de dente foi um rapaz de Pedra D'água e vermelhão foi a finada Flora, tia do finado Chico. O povo rezava e eu aprendia. Eu tinha uma cabeça boa graças à Deus, eu tinha uma cabeça boa quando era nova, bastava dizer umas três vezes e eu aprendia.⁷

Esse horizonte decifrado no olhar de Dona Judite dá para ela o colorido da vida, a força que emerge da relação que ela estabelece com o sagrado, que faz dessa mulher rezadeira, ter um significado na comunidade em que ela vive. Através de suas lembranças, Dona Judite interliga os processos da memória, tempo e história. Como uma dança ao sabor do tempo, Dona Judite vai transcendendo tempo e espaço na sua prática, mostrando que, o saber-fazer na tradição do conhecimento da reza, da benção adquire no contexto da sua vida uma espécie de modelar conhecimentos que vem sendo passados intergeracionalmente.

Na sábença popular a reza tem um significado para a espiritualidade e para o bem-estar do ser humano. Este conhecimento que é produzido na tradição milenar das rezadeiras desde os oráculos da antiguidade às sacerdotisas, mulheres que tinham conhecimentos das orações, das ervas, adquiriram no percurso da história um significado e um significante.

⁷ Trecho de entrevista realizada com “Dona Judite”, no município de Barra de Santana, em 25 de janeiro de 2015. Atualmente, Dona Judite conta com 77 anos de idade e reside na cidade de Campina Grande.

Deste modo, Dona Judite traz na tradição oral do cariri paraibano um saber médico que desenvolve uma operação de vida pelo conhecimento religioso e fitoterápico, no qual o conhecimento destas mulheres é, ao mesmo tempo, um alento para a alma e, também, para o corpo. Poderíamos decifrar a atitude de Dona Judite como humanizadora na relação com o coletivo, de um saber médico popular que se interliga com o outro através de uma alteridade que respeita a dimensão de qualquer pessoa no contexto de suas rezas.



Figura 1: Dona Judite, 77 anos, onde reside atualmente em Campina Grande. Fonte: acervo do autor.

Advogamos da ideia de que, o tempo da memória transcende o tempo da vida individual, ligando-se ao tempo da história. Histórias contadas e recontadas, narrativas que através do tempo vão adquirindo novas representações ao olhar de quem narra a história da sua vida. O passado vivido quer interligar com o presente, em que as experiências de vida ganham novos contornos e consubstancialidades.

Por meio do processo mnemônico, ela tece uma narrativa sobre sua prática de reza recordando seu aprendizado, quem lhe transmitiu alguns desses saberes, quais tipos de reza e suas implicações práticas e como ela aprendia (de ouvido). Essa tessitura trás consigo uma chave interpretativa para compreender a “transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades”⁸.

⁸ Delgado (2010) ao analisar a importante relação estabelecida entre memória e história como constituinte da metodologia em História Oral, enfatiza que os depoimentos orais ao utilizar a memória como um substrato se torna um processo vivo, renovável e dinâmico, visto que pode ser enriquecido pelos estímulos no presente. Estabelece-se, dessa forma, um diálogo vivo entre diferentes

Ao fecundar as lembranças de sua família, recordando que a finada Flora, tia do finado Chico (seu esposo) lhe ensinou a rezar “vermelhão⁹”, ela entrelaça sua vida a vida de outros atores correlatos ao seu passado que contribuíram significativamente para constituição da sua prática de reza, bem como de sua própria identidade individual.

Sobre esta questão, as formulações de Halbwachs (2003) são fundamentais para compreender como o processo de rememoração é intrínseco ao próprio ato de socialização, uma vez que a memória do depoente é ativada pelo estímulo do entrevistador no presente, bem como sua própria lembrança encontra-se invariavelmente ligada à tessitura de sua vida em conjunto com a de outros sujeitos sociais¹⁰.

Sua memória nutre igualmente a recordação das tradições, no sentido apontado por Ricoeur apud Delgado (2010): “entendemos por tradições as coisas ditas no passado e transmitidas até nós por uma cadeia de interpretações” (DELGADO, 2010, p. 17). A esse respeito compreendemos que a questão da tradição assume, então, um papel fundamental na problematização deste trabalho, uma vez que as práticas de reza constituem-se enquanto um saber adquirido pela tradição oral.

Neste sentido, é necessário refletir em torno da concepção de tradição. Para tal, as contribuições teóricas de Hobsbawm (2015) são fundamentais. Para o historiador britânico a tradição se constitui enquanto um conjunto de práticas, inventadas a partir de um sentido ritual e simbólico, legitimada por regras, valores, normas sociais, segundo a hierarquia em vigor numa determinada configuração social¹¹. Deste modo, a tradição como um conjunto de práticas, tem a capacidade de interiorizar comportamentos, visões de mundo e hábitos através da repetição de um ritual. Ora, o universo das práticas de reza gira em torno da questão da tradição,

temporalidades. Ver: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

⁹ Refere-se a manchas vermelhas na pele, irritações cutâneas.

¹⁰ Sobre essa questão ver: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**; tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

¹¹ Deve-se, contudo, destacar que Hobsbawm discute a concepção de “Tradições Inventadas” com um enfoque diferente do que nos apropriamos neste trabalho, onde o autor busca compreender como o processo de construção e estabelecimento da legitimidade dos estados, a partir de uma formalização de práticas oficialmente instituídas e planejadas. Cf.: HOBBSAWM, Eric. “Introdução: A Invenção das Tradições”. In: HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**; tradução de Celina Cardim Cavalcante. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015, pp. 9 – 11.

uma vez que se sustenta por meio da repetição, transmissão destes saberes através de ritualização destes saberes por meio de práticas.

Esse saber transmitido do passado para o presente, e de uma geração para a próxima, constitui-se, portanto, como advindo da tradição. O conhecimento sobre as práticas de reza para *picada de cobra, vermelhão, dor de dente* foram transmitidos à Dona Judite a partir de sujeitos sociais que a precederam, e estes por sua vez, são receptores de uma tradição que manifesta certa expressão popular do catolicismo¹².

Tais saberes são geralmente transmitidos através da oralidade, Ramos (2013) ao discutir em seu trabalho acerca das identidades de praticantes de reza no Cariri paraibano¹³, utiliza o conceito de “comunidades de reza” para tratar a transmissão deste tipo de saber.

Para o autor, tal conceito relaciona-se a uma coletividade que possui a vida orientada a partir do pressuposto da fé. O autor salienta que tais comunidades têm por principal característica a transmissão das práticas e tradições através da oralidade. Além disso, possui uma continuidade que legitima a reprodução destes saberes dos mais velhos aos mais novos, conforme observado em relação à rezadeira Dona Judite.

Portanto, memória e oralidade encontram-se intimamente ligado ao ofício da reza, o que revela um importante aspecto sociocultural em torno desse universo. Como observado por Pimentel (2007), as fórmulas das rezas e as orações seguem um sentido que facilita a memorização e transmissão por parte das rezadeiras, uma vez que grande parte destas mulheres possui baixa escolaridade, o que impossibilita muitas vezes o registro das rezas e de maneira escrita. Muito disto se deve ao fato de que o desenvolvimento destas práticas de reza terem eminentemente surgido em

¹² O debate acerca da temática do catolicismo popular é longo e bastante denso, e não cabe no espaço a que este trabalho se pretende estender-se sobre o mesmo, porém, é notório que expressam uma forma muito particular de se apropriar e representar o sagrado, uma tradição popular que opera no cotidiano e tem suas raízes no Brasil Colônia. Todavia, apesar de predominantemente praticantes de reza e benzeção se situarem no contexto da fé Católica, conforme apontado por Santos (2007, pp. 102 - 105), não é tão fácil estabelecer a religiosidade destes sujeitos, e como pontuou Ramos (2013, pp. 13 – 15) a fronteira de identificação do sujeito rezador/a se mostra muito tênue. Os/as praticantes de reza não se situam em um único território de religiosidade, mas transitam entre eles, todavia, muitas vezes negam devido a carga pejorativa que recai sobre as religiosidades afro-brasileiras. É oportuno mencionar a contribuição do trabalho de Conceição (2008) a esse respeito, onde a autora enfatiza o caráter identitário múltiplo que as mulheres rezadeiras apresentam, não se constituindo, pois, como um grupo homogêneo.

¹³ RAMOS, Felipe Aires. **Identidades em trânsito: práticas de reza no Cariri paraibano (1945 – 1960)**. TCC (Graduação em História).UEPB/ CEDUC, 2013.

zonas rurais, que, historicamente, foram negligenciadas de serviços básicos essenciais como saúde e educação.

A memória de Dona Judite revela essa realidade, pois quando era criança, ao brincar, uma chaleira contendo chá fervente virou e derramou o líquido sobre suas pernas e pés. Impossibilitada de caminhar com queimaduras nos membros inferiores, recebia visitas periódicas de rezadeiras e, na medida em que presenciava o ato da reza aprendeu o ofício “vi o povo rezando, ai aprendi”.

Conceição (2008) em seu trabalho sobre mulheres rezadeiras do Recôncavo Sul da Bahia¹⁴, ao pensar em torno do ser rezadeira em meados do século XX¹⁵, conduz a reflexão a respeito da representação que a figura destas mulheres passa a adquirir, enquanto principal alternativa para os enfermos. Por se desenvolver geralmente em zonas rurais, onde a prática da medicina dita “oficial” era negligenciada, a figura da rezadeira emerge como alternativa de práticas de cura em relação às práticas médicas (CONCEIÇÃO, 2008).

Aqui, a noção de prática deve ser entendida não apenas em relação às instâncias oficiais de produção cultural (BARROS, 2011, p. 46), mas como sendo os modos de fazer numa dada sociedade. Tal concepção ganha profundidade a partir das ricas contribuições de Certeau (2009) quando o autor desloca a chave interpretativa para compreender a questão da cultura da produção dos objetos culturais para o momento do consumo pelos usuários. Estes fazem outra *produção*, qualificada por Certeau como “consumo”, onde denota uma maneira de *fazer com* que “não se faz notar com produtos próprios, mas *nas maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (CERTEAU, 2009, p. 39).

Na sua *A Escrita da História* (2011), ao analisar as práticas religiosas nos séculos XVII e XVIII, na França¹⁶, focaliza “em gestos particulares”, revelando que “Tudo se concentra nas práticas. Através delas um grupo religioso provoca sua

¹⁴ CONCEIÇÃO, Aláize dos Santos. **Ser Rezadeira**: Experiências e práticas culturais de participantes da Medicina popular. Gov. Mangabeira. Recôncavo Sul da Bahia.1950-1970. In: Fazendo Gênero VIII: Corpo, Violência e Poder, 2008, Santa Catarina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. 2008.

¹⁵ Não há uma temporalidade precisa por parte de Dona Judite em delimitar “quando” aprendeu a rezar, segundo ela esse acontecimento na sua vida ocorreu durante a sua juventude. Considerando seu nascimento em 1940 e sua idade atual de 76 anos, conjecturamos que ela tenha aprendido o ofício de reza entre os anos de 1950 à 1960. Além disso, ela menciona em sua entrevista ter começado a rezar aos 10 anos de idade. Por este motivo, situo o início de sua prática de reza temporalmente em meados do século XX.

¹⁶ CERTEAU, Michel de. “A formalidade das práticas: do sistema religioso à ética das luzes (XVII-XVIII)”. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

coesão. [...] recebe delas uma segurança que as próprias crenças dão cada vez menos” (CERTEAU, 2011, pp. 172-3). Desse modo, as práticas de reza adquirem um papel decisivo que serve para balizar a fé dentro das comunidades de reza, uma vez que quem pratica a reza adquire autoridade e reconhecimento para “curar”, “sara”, “benzer” toda a sorte de males.

As práticas de reza constituem-se, portanto, em uma maneira “não-oficial” de expressão do catolicismo, uma vez que o Concílio Vaticano II dispõe de outro posicionamento e percepção da Instituição Católica sobre a existência do catolicismo popular. Além disso, os saberes advindos da prática de reza transmitidos intergeracionalmente assumem um caráter alternativo ao saber médico dito oficial, quando tais práticas de cura acabam se tornando a principal busca para tratar os males pelos quais são acometidos os enfermos.

Conforme a própria Dona Judite relata em suas memórias, por recorrentes vezes as pessoas da comunidade recorriam a sua prática de cura para tratar de diversas enfermidades:

Uma vez [...] chegou Miguel de Toinho lá aleijado. Levou uma queda do cavalo, pra eu rezar. Pronto, aí eu rezo desmentidura encarcando. Quando eu encarquei a junta dele - ele não andava não! Aí ele disse: “Aaaai, a senhora pensa que não dói, não?” “Eu sei que dói meu filho, mas eu só rezo assim.” Aí quando ele saiu já saiu pisando, graças a Deus ficou bom, foi. [...] Sim, dor de dente. Manoel de Adáfi era feiticeiro, que era dono de um terreiro ali. Aí um dia cheguei lá. “Cumadi reze esse dente. Eu não aguento essa dor de dente.” Eu disse “Cumpadi eu vou rezar, mas se for estalecido não passa não.” “Reze assim mesmo.” Rezei e ele ficou bom.¹⁷

Podemos perceber através do relato de Dona Judite como o ofício que a mesma desenvolve tem um papel social dentro da comunidade em que atua no papel de curar males de ordem corporal, se constituindo como uma médica popular legitimada pela autoridade dos saberes da tradição. Segundo Santos (2007) o papel de cura exercido pelas mulheres rezadeiras se situa no cotidiano propondo sanar, amenizar males, doenças, enfermidades, de ordem física e espiritual, que para o autor “são aquelas, cuja concepção e diagnóstico acabam por ser definidos e elaborados pelas próprias rezadeiras”.

¹⁷ Trecho de entrevista realizada com “Dona Judite”, no município de Barra de Santana, em 25 de janeiro de 2015. Atualmente, Dona Judite conta com 77 anos de idade e reside na cidade de Campina Grande.

De acordo com o levantamento feito em seu trabalho Santos (2007), pôde constatar a presença das seguintes doenças como parte do universo vivencial de mulheres rezadeiras, e que compõe parte do escopo dos seus saberes: *olhado*¹⁸, *quebrante*¹⁹, *vento caído*²⁰, *espinhela caída*²¹, *carne triada*²², *isipa*²³, *fogo selvagem*²⁴, *mal-de-monte*²⁵, *cobreiro*²⁶, *ferida de boca* e *engasgo*²⁷. No leque de saberes adquiridos por Dona Judite, ela é capaz de “rezar mal olhado, triadura, vermelhão, picada de cobra e ferida de boca, só que eu sei rezar”²⁸, bem como dor de dente e desmentidura.

Fonseca *et alli* (2007) em trabalho intitulado *Plantas medicinais: remédios caseiros e benzeção utilizados no cuidado à criança*²⁹ desenvolvem um estudo sobre as práticas da medicina tradicional por parte de pessoas “leigas”, isto é, não ligadas à medicina dita oficial, e que apresentam estreitos laços com a religiosidade na cidade de Uiraúna-PB. Nesse estudo, são levantados experimentos que buscaram verificar as informações e conhecimentos repassados através dos séculos, tendo em vista a descoberta de novos medicamentos a partir do conhecimento fitoterápico encontrado nos saberes populares da tradição, que são adquiridos durante muitos anos e transmitidos através das gerações.

Os autores analisam a prática complementar de cuidado à saúde desenvolvido por mulheres rezadeiras e como através de seu saber popular cuidam

¹⁸ Doença que vai debilitando o indivíduo aos poucos. É proveniente de um fascínio (admiração) que uma pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano, beleza, feiúra, inteligência.

¹⁹ Na realidade, segundo Santos (2007) a maioria das rezadeiras não distingue olhado do quebrante, todavia, é entendido como sendo um olhado muito forte que foi jogado nos ossos, uma vez que o doente fica “todo quebrado”.

²⁰ Doença específica da criança e que está associada a um desarranjo intestinal e desidratação. Onde, se acredita que um “vinco” existente na barriga da criança tenha caído, o ritual de cura geralmente se processa de modo que a criança seja rezada de cabeça para baixo, no sentido de fazer levantar o que havia caído.

²¹ Nomenclatura estabelecida no caso das mulheres, em que se trata do rompimento de um nervo quando se faz um esforço físico. Basicamente são dores e ardências na região do tórax, que são causa de indisposição e esmorecimento dos braços.

²² Consiste em dores musculares, torção de membros, luxação, não se enquadram fraturas ósseas.

²³ Ou erisipela, doença infecciosa aguda, causada por estreptococos, caracterizada por uma inflamação da pele.

²⁴ Irritação por trás da orelha e no pescoço das crianças.

²⁵ Inflamações na pele, feridas, queimaduras, sarnas, furúnculos.

²⁶ Ferimentos causados pelo contato com a roupa pela qual passaram sobras, aranhas, víboras.

²⁷ Entende-se como o impedimento da fala, ou de se alimentar.

²⁸ Trecho de entrevista realizada com “Dona Judite”, no município de Barra de Santana, em 25 de janeiro de 2015. Atualmente, Dona Judite conta com 77 anos de idade e reside na cidade de Campina Grande.

²⁹ FONSECA, E. N. R.; SÁ, Lenilde Duarte; STORNI, Maria Otília Telles; LOPES, Ana Maria Cavalcanti; BARRETO, Anne Jacquelyne Roque. “Plantas Medicinais: remédios caseiros e benzeção utilizados no cuidado à criança”. In. MIELE, Neide. (Org.). **Religiões: Múltiplos territórios**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007.

e tratam de crianças, utilizando-se de relatos orais de rezadeiras e das mães das crianças atendidas. Neste sentido, enfatizam a figura da rezadeira como “uma cientista popular” que “possui uma maneira muito peculiar de curar” e “combina elementos místicos da religiosidade [...] aos conhecimentos da medicina popular” (FONSECA *et alli*, 2007, p. 103)³⁰.

Além disso, a rezadeira dispõe de vários artifícios e estratégias do saber popular, como conhecimentos sobre plantas, banhos, chás, simpatias, dentre outras (FONSECA *et alli*, 2007). Este tipo de conhecimento quando trabalhado na escola, permite a integração do currículo escolar com os saberes das rezadeiras, possibilitando assim ensinar História através das práticas de reza desenvolvidas por essas mulheres. Portanto, conforme pode ser percebido, os saberes advindos das práticas de reza e cura são portadores de um vasto conhecimento acerca da cultura popular, e podem, dentro do currículo escolar oferecer possibilidades para conhecer mais de perto a tradição e a cultura. Currículo este, que quando esboçado numa perspectiva intercultural permite o encontro entre culturas e saberes das rezadeiras e o contexto escolar através do ensino de História.

A questão da interculturalidade tem ganhado visibilidade e destaque, sobretudo, a partir da década de 1990 na emergente necessidade do reconhecimento e valorização das diferenças que constituem os diversos atores socioculturais e suas contribuições para o processo educacional (CANDAU, 2014a). A interculturalidade surge como elemento para a construção de uma convivência democrática entre diferentes culturas, buscando uma integração em que se preserve a diversidade.

Originalmente a interculturalidade surge de teorias e ações pedagógicas, tendo ganhado amplitude através de práticas culturais e políticas públicas, indicando uma saída para a convivência democrática entre diferentes identidades culturais e diversos atores sociais. A partir das décadas de 1970 e 1980, os estudos culturais ganham maior destaque e interesse de pesquisa, tornando-se central no debate no interior das Ciências Humanas, principalmente decorrente do processo de

³⁰ Os autores, porém, salientam que não podem estabelecer diretrizes que comprovem a eficácia do trabalho das rezadeiras, pois se trata principalmente de uma “questão de fé”. Todavia, diante das políticas de saúde, consideram que deve ser conjugado o saber médico-científico às práticas de cura legitimadas pelo saber popular.

descolonização na África, Ásia e América Latina que abre espaço para os estudos pós-colonialistas³¹.

O processo de globalização, enquanto projeto ocidental de homogeneização das identidades globais, caminha em paralelo com o reforçamento das identidades locais. Este processo coloca em questão a “centralidade” cultural (HALL, 2006). Em um contexto global, as identidades tornam-se uma categoria central para compreender a diversidade e construir elementos para a convivência democrática em que se respeitem as diferenças.

A instituição escolar, enquanto (re) produtora de relações sociais, possui o desafio de repensar o seu papel como um lugar que privilegie a socialização de saberes e a construção de novas relações socioculturais, constituindo-se como um espaço em que convivem diferenças identitárias e culturais. É fundamental perceber a escola como instrumento para construção de um diálogo democrático propositivo da diversidade e da inclusão.

Neste sentido, a educação na perspectiva da interculturalidade torna-se fundamental para construir este diálogo com as diferenças e propor um ensino inclusivo, que promova a diversidade e o convívio democrático. Candau (2014a) pontua algumas considerações sobre as implicações teóricas e práticas em relação a interculturalidade para que os profissionais em educação possam assumir no processo de ensino-aprendizagem.

Dentre os desafios e possibilidades apontados pela autora para pensar a diversidade no diálogo da escola com os saberes culturais, aí incluídos os saberes tradição advindos das práticas de reza e cura médica das rezadeiras, elencamos dois elementos para constituição de uma educação verdadeiramente cultural.

O primeiro elemento é o de reconhecer a diferença como elemento enriquecedor e vantagem pedagógica, para que desta forma não seja reduzida a mera igualdade e padronização, e, desta forma, reconhecer na singularidade o valor de cada ator social. E, em segundo lugar, uma possibilidade para pensar a interculturalidade, consiste em romper com uma “monocultura do saber”, constatando, desta forma, a incompletude dos saberes, e, por este motivo, empreender uma “ecologia de saberes”, isto é, reconhecer e identificar a existência de outros saberes (CANDAU, 2014a, pp. 31, 34-35). A segunda perspectiva

³¹ Cf.: MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**; tradução Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

apontada por Candau (2014a) contribui para pensar que nenhum saber é definitivo, todos os saberes, inclusive o científico, devem ser considerados incompletos. O modelo hegemônico racionalista constituído com a ciência moderna inspira a concepção de conhecimento que é privilegiada pelas escolas.

Foucault (2013, pp. 147 - 148) aponta para o fenômeno de normalização das práticas e do saber médicos que nasce na Alemanha em meados do século XVIII e procura estabelecer normas, padrões para a emergente medicina da época. Tal processo de normalização constitui-se dentro de uma relação de saber-poder que contribui para estabelecer e legitimar um discurso, um saber. O saber moderno, portanto, científico, arroga-se de uma autoridade de um poder legitimador do Estado: tudo o que não reconhece ou não legitima é declarado inexistente.

A questão do saber em Foucault está essencialmente ligada à questão do poder, na medida em que através do discurso da racionalidade, isto é, a separação entre o científico e o não-científico, entre o racional e o não-racional, o normal e o anormal³². Então, ao estudar as articulações entre poder e saber, Foucault descobriu que os saberes se engendram e organizam para “atender” a uma vontade de poder (VEIGA-NETO, 2003, p. 141). Conforme coloca Foucault (1996, p. 44): “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.

Com base na perspectiva intercultural somos levados a questionar essa lógica, que deve supor a identificação de outros saberes e critérios de rigor que operam em contextos e práticas culturais não hegemônicas (CANDAU, 2014a). Levando-nos dessa forma a problematizar o conhecimento escolar, de modo a reconhecer os diversos saberes que são produzidos pelos diferentes grupos e atores sócio-culturais, considerando assim os saberes tradicionais e promovendo uma ecologia de saberes, isto é, um diálogo entre o saber escolar (socialmente valorizado e dominante) e estes saberes, como coloca Santos apud Candau (2014a):

A ecologia de saberes capacita-nos para uma visão mais abrangente daquilo que conhecemos, bem como do que desconhecemos, e também nos previne para que aquilo que não sabemos é ignorância nossa, não ignorância em geral (CANDAU, 2014a, p. 35).

³² Sobre essa discussão ver o verbete “Saber” em: REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

O diálogo com os saberes advindos da experiência e da tradição, conforme os saber-fazer das práticas de reza, figura como partícipe da proposta de uma educação intercultural, destacado pela autora. Representando, então, dentro da perspectiva da interculturalidade, uma possibilidade para romper com o “monoculturalismo”: constatar a incompletude de todos os saberes e por este motivo empreender uma ecologia de saberes, ou seja, dialogar saberes de dentro e fora da escola para construir uma educação voltada para a diversidade cultural e religiosa, como os da rezadeira (CANDAUI, 2014a).

Neste sentido, o ensino de História deve estar voltado para o desenvolvimento de uma conscientização histórica, no intuito de vincular o indivíduo à sua experiência no espaço-tempo e na sociedade em que vive, rompendo com a alienação, promovendo o desenvolvimento de indivíduos comprometidos e atuantes. Dentro de uma perspectiva intercultural, atrelando a arte da rezadeira, sua história de vida e memória tem muito a nos dizer a respeito de uma prática de alteridade no contexto educacional.

3. NOS TERRITÓRIOS DA INTERCULTURALIDADE: desafios e possibilidades para o ensino de História no cenário escolar campinense

A pesquisa que figura em nosso estudo se deu em torno da temática da questão religiosa, via prática de mulher rezadeira e a discussão da diversidade religiosa na escola resultante de pesquisa realizada no projeto de Iniciação Científica Cota 2015/2016 intitulado “*Saberes históricos, currículo e memória: ensino de História e identidade no contexto da diversidade religiosa*”, onde estabelecemos o recorte em torno da figura da rezadeira, cuja identidade de fronteira³³ em meio ao âmbito religioso permite uma circularidade entre diversos espaços de pertencimento.

A escola pública Municipal que se constitui como lócus da pesquisa foi fundada em 17 de Março de 2003, situada no bairro das Cidades, município de Campina Grande, é mantida pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e administrada pela Secretaria de Educação desta mesma cidade. Funciona nos três

³³ A religião da rezadeira se difere das demais, uma vez que sua identidade congrega diferentes pertencimentos religiosos em torno de uma única figura, então, acreditamos ser pertinente a escolha deste recorte para compor o estudo. Sobre esse tema, é mais uma vez pertinente mencionar o trabalho de RAMOS, Felipe Aires. *Op. Cit.* 2013.

turnos: manhã, tarde e noite; possuindo ensino regular dos anos iniciais aos anos finais do ensino Fundamental (do pré ao 9º ano), assim como Educação para Jovens e Adultos.

A instituição atende a uma demanda de aproximadamente 1.000 (mil) alunos, em que praticamente todos são do próprio bairro e adjacências. O Bairro das Cidades até o começo do século XXI foi uma localidade cuja finalidade destinava-se ao depósito irregular de lixo, e que aos poucos foi sendo ocupado, e de maneira lenta ainda, urbanizado. Trata-se de uma comunidade carente de assistência dos poderes públicos responsáveis, que ainda necessita de atenção em relação a questões básicas como Saneamento Básico.

A escolha por este espaço escolar como lócus para realização da pesquisa, foi motivada pela relação estabelecida pelo autor que vos escreve com esta instituição pública e o lugar social no qual ela está inserida. Cresci no Bairro das Cidades e imediações, e mesmo não tendo estudado na Escola, convivi durante muito tempo naquele espaço escolar, tendo em vista que meus pais são funcionários deste lugar há mais de 10 anos.

Além disto, no Bairro das Cidades a diversidade religiosa se faz presente em diversos contextos, visto que confluem pessoas de diferentes espaços de pertencimento perpassando o camdomblé, catolicismo e protestantismo. No contexto do projeto de Iniciação Científica (2015/2016), atentamos para a pertinência de perceber como essa diversidade religiosa se fazia presente na escola através do ensino de História dentro de uma perspectiva intercultural.

Em meio à diversidade religiosa estão as práticas das rezadeiras, que fazem parte da tradição social e cultural brasileira, do conhecimento do povo brasileiro, e que, no entanto, a escola ainda não reconheceu como saber importante de ser inserido no currículo, sobretudo, como neste texto trabalhamos na perspectiva da interculturalidade. Neste sentido, propomos a possibilidade de um currículo intercultural, o diálogo de saberes, como o da rezadeira, que estão fora da escola e o saber histórico escolar. Neste texto, não nos detemos na discussão do currículo do ponto de vista conceitual, uma vez que não foi o viés que tomamos em nosso trabalho.

Realizamos a pesquisa em uma escola pública, da rede municipal de ensino, de Campina Grande durante a coleta de dados, na qual realizamos a aplicação de

questionários com os atores escolares (professora e alunos)³⁴ do 9º ano no sentido de perceber o conhecimento que os jovens tinham sobre o ensino de História, as questões da religiosidade, para unir tais conhecimentos à discussão sobre rezadeiras. Para este trabalho, nos detemos em analisar as questões que tiveram ligação com os propósitos da pesquisa, ou seja, saber o ponto de vista deles com relação à questão da diversidade religiosa. Deste modo, no espaço concernente a este trabalho, das questões trabalhadas no questionário, selecionamos as perguntas e as respostas mais pertinentes ao recorte proposto em nosso estudo.

Do lado da professora, buscamos averiguar como a docente se posiciona em relação a este tipo de conhecimento que está fora da escola, mas faz parte de um conjunto de conhecimentos que emanam da religiosidade, como o exemplo da rezadeira.

Sendo a escola um lugar no qual convivem diferentes sujeitos, oriundos de diversos espaços de pertencimento, torna-se fundamental o diálogo do ensino de História com a interculturalidade, cujas proposições, advêm no sentido de construir um contexto de equidade capaz de compor premissas de reconhecimento do outro e o diálogo com diferentes culturas.

Procuramos demonstrar nossa percepção acerca da maneira como a escola dialoga com os saberes advindos da experiência religiosa, e de que maneira estes estabelecem uma interface com o ensino de História. Acreditamos que o saber da rezadeira é fundamental para refletir em torno dessa questão, quando destacado que sua experiência de vida, suas memórias e o saber-fazer popular incorporam a temática da diversidade cultural proposta pela perspectiva intercultural. Neste sentido, dialogaremos as reflexões em torno das falas dos sujeitos escolares atrelados às discussões em torno do ensino de História em interface com a interculturalidade.

Figuram no material coletado, um universo de 25 alunos (vinte e cinco) da turma do 9º ano da referida escola, dos quais 21 (vinte e um) responderam aos questionários, revelando a presença de jovens com idades variando entre 13 e 18 anos, no qual 14 eram do sexo feminino, e 7 do sexo masculino, sendo 11 evangélicos, 7 católicos e ainda 3 jovens que não identificaram seu pertencimento

³⁴ Por questões éticas, para preservar a identidade dos alunos e da professora. Em relação à estes primeiros, serão identificados apenas pelas iniciais do nome e sobrenome, e quanto a esta última trataremos por um codinome escolhido a partir do escopo de ervas e chás que compõem o universo dos saberes das rezadeiras.

religioso ou preferiram não responder. A docente de História que leciona na escola há 10 anos, evidencia a preocupação em trabalhar com saberes que não estão inclusos no currículo escolar, como o saber advindo da experiência religiosa popular, com ressalvas ao proselitismo que incide sobre estas questões.

Destacamos que, a presença da pluralidade e a diferença presente no cenário desta escola pública na turma do 9º ano, Candau (2014b) aponta que a escola concebe a pluralidade e a diferença com dificuldade e tende a silenciá-las ou neutralizá-las, sentindo-se mais confortável com a homogeneização e a padronização.

Em torno do recorte proposto para trabalhar o tema central a este estudo, selecionamos a resposta do jovem A.N. (17 anos) que quando indagado sobre a importância de ensinar história trabalhando os saberes religiosos em sala de aula relata não saber “divulgar para as pessoas ainda”, visto que pertence a uma religião de matriz afro-brasileira, mas não se sente a vontade de expor seu pertencimento.

Trata-se de um grande desafio para a escola repensar seus componentes e romper com esta tendência homogeneizadora e padronizadora que impregna suas práticas (CANDAU, 2014b). No contexto educacional a afirmação da dimensão cultural tem possibilitado cada vez mais relevância e destaque. Caminhando de mãos dadas para uma formação cidadã, o ensino de História deve dialogar com os saberes da diversidade cultural, a exemplo daqueles que durante tanto tempo ficaram silenciados e excluídos do debate escolar, como o praticado pela rezadeira, no sentido de ser um conhecimento presente no cotidiano e que gera uma mudança nas diretrizes da disciplina escolar história. Pacheco (2010,) quando discute sobre os saberes escolares da disciplina escolar história, pondera que “Para atender as demandas da sociedade contemporâneas à escola, como instituição responsável pelo ensino formal, deve ampliar o conjunto de fazeres que oferece aos educandos”

Reconhecer e dialogar com saberes que estão fora do ensino formal, representa uma forma de ampliar a possibilidade do/a aluno/a construir a sua narrativa histórica, de sentir-se partícipe da história processo em sua comunidade, realizando a leitura da experiência do mundo social e cultural no qual se insere. Como percebido na fala de S.K. (14 anos) se constitui como uma “maneira de saber sobre o **meu** passado” (grifo nosso), o reconhecimento de saberes não formais e o diálogo com estes conhecimentos que estão fora da escola, possibilitam que o/a aluno/a se veja e se sinta dentro do processo de ensino aprendizagem. Ainda

segundo Pacheco (2010, p.765): “Os desafios da sociedade contemporânea cobra dos profissionais da educação, de forma geral, e dos professores de história, de maneira específica, uma revisão crítica dos currículos escolares”.

Essa revisão crítica deve levar em conta saberes da experiência cotidiana, como os da rezadeira e conduzir a formação de projetos político-pedagógicos mais amplos que a própria sala de aula. Para a professora Erva Doce³⁵, a escola poderia e deveria trabalhar a diversidade cultural a partir da “Inclusão no currículo como interdisciplinar e realizando um trabalho com os demais professores no sentido de difundir o respeito às escolhas religiosas de cada um”³⁶.

Ora, o saber da rezadeira emerge como uma alternativa e possibilidade para um diálogo inter-transdisciplinar, uma vez que, através da oralidade, figuram como partícipes da tradição cultural brasileira, revelando elementos que constituem historicamente um povo, bem como oferece possibilidades a partir do seu conhecimento biológico com ervas no tratamento fitoterápico, conforme pode ser observado em Fonseca et alli (2007).

Neste sentido, conforme apontado por Bittencourt (2004), a concepção da história enquanto disciplina escolar lança olhar sobre o papel do professor escolar como produtor de um conhecimento específico.

Temos afirmado que a concepção de disciplina escolar está intimamente associada à de pedagogia e à de escola e, portanto, ao papel histórico de cada um desses componentes. Ao concebermos a disciplina escolar como produção coletiva das instituições de ensino, admitimos que a pedagogia não pode ser entendida como uma atividade limitada a produzir métodos para melhor ‘transportar’ conteúdos externos, simplificando da maneira mais adequada possível os saberes eruditos ou acadêmicos (BITTENCOURT, 2005, p. 49).

Com base na reflexão apontada por Bittencourt (2005) é possível perceber, que a escola e o profissional em educação, não podem se limitar a produzir uma maneira de transportar conteúdos externos (o saber erudito, acadêmico) de maneira simplificada. Faz-se necessário o reconhecimento de outros saberes, como os da

³⁵ Codinome dado a docente em História da sala na qual fizemos a pesquisa. Optamos por este nome, pois faz referência as ervas e chás que compõe o repertório dos saberes das práticas de reza.

³⁶ Trecho do relato da professora “Erva Doce”, no município de Campina Grande, 18 de maio de 2016.

rezadeira, que venham dialogar no contexto escolar para enriquecer o processo de ensino.

Dentre as muitas configurações assumidas pelo currículo de História ao longo do tempo que “tem sido veículo para disseminação do discurso do poder” (ABUD, 1997, p. 28), o que não é diferente na sociedade contemporânea, as propostas para o currículo de história giram em torno de uma educação inclusiva, de caráter democrático e cidadão. Candau (2014b) salienta que a escol/a como vivemos na atualidade, é uma das instituições mais representativas da modernidade, pois encara os sujeitos da educação como iguais, chamando-os a adquirir uma cultura comum, que é formalmente valorizada.

No entanto, tomamos como evidência a fala dos/as alunos/as da escola pesquisada para o reconhecimento das diferenças, no qual W.H. (16 anos) enxerga a diversidade, a presença de pessoas de diferentes religiões na escola como sendo “uma pessoa [que] respeita a outra quando são de diferentes religiões”. É possível perceber na fala dos próprios alunos, a presença e o reconhecimento da diferença, que de acordo com Caudau (2014b) deve ser visto como um elemento enriquecedor para a escolha.

Essa questão recai, sobretudo, ao ensino de História, visto que a disciplina escolar história é capaz de desvelar o caráter histórico e construído dos conhecimentos escolares, bem como sua íntima relação com os contextos em que foram (e são) produzidos (CANDAU, 2014b, p. 40). Conforme apontado por Fonseca (2004), o ensino de História sempre cumpriu um papel estratégico na escola e na sociedade “Da formação do súdito fiel à monarquia, à do cidadão consciente e participativo, o ensino de história tem caminhado em consonância com as questões do seu tempo” (FONSECA, 2004, p. 88).

Segundo Pacheco (2010), diversos intelectuais ligados à educação tem dado densidade às questões de uma escola e de um currículo, que dialogue com as demandas de uma sociedade que se democratiza. Através da perspectiva da interculturalidade observa-se uma proposta de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas, sem anular a sua diversidade.

Ainda de acordo com Pacheco (2012), entendemos a disciplina escolar história como campo do conhecimento voltado para as relações sociais e por isso deve estar comprometido com a formação do cidadão, devendo trabalhar para além do desenvolvimento de habilidades técnicas a fim de que o sujeito opere na

realidade social através de conceitos, mas também um saber de ordem complementar: aquele das informações históricas referentes à experiência das comunidades no tempo.

Que saber seria mais efetivo, então, do que o da rezadeira? Que representa na sua prática, na sua arte de benzer e curar, um ofício milenar que carrega a história e a tradição da memória da formação do povo brasileiro sob um ponto de vista popular. Esse papel fundamental da história para a formação cidadã, que se compromete com a construção de uma convivência democrática, e por isso se conecta com a proposta intercultural é reconhecido inclusive pelos/as alunos/as da escola.

Para M.E. (13 anos) a diversidade na escola é “algo muito complicado, pois algumas pessoas tem preconceito e isso está mudando através da história”. A partir de sua fala, podemos depreender o papel que a história assume, e é percebido pela aluna, no caráter transformador da sociedade e das relações sociais.

Neste sentido, podemos constatar nas falas dos sujeitos escolares, os discentes e a docente, que o saber da rezadeira, como saber advindo da experiência religiosa popular, pode ser usado para enriquecer o processo educacional a partir de uma perspectiva intercultural dentro do ensino de História.

Observando o aspecto analisado nas falas dos sujeitos escolares, percebemos que é preciso ter um reconhecimento de saberes que estão além do currículo escolar, como os saberes das religiosidades, em específico o das rezadeiras, para que possam ser inseridos no contexto escolar como ferramenta pedagógica que reforce a diversidade e o respeito pelas diferenças na construção de uma convivência democrática e uma escola cidadã.

Na opinião da professora Erva Doce, a escola pode e deve incluir atividades pedagógicas e no currículo questões relativas à diversidade religiosa desde que se estude: “[...] todas as religiões sem tendencionismo e incentivar a pesquisa e discussão, respeitando cada religião, deixando o aluno livre para opinar e escolher ou não participar das intervenções”.³⁷

Diante da fala da professora, entendemos ser importante evidenciar que o conhecimento da rezadeira entra em sintonia com o espaço escolar, e que é preciso que a escola e o campo do ensino de História possam reconhecer esses saberes

³⁷ Trecho do relato da professora “Erva Doce”, no município de Campina Grande, 18 de maio de 2016.

como importantes de serem incluídos no currículo. Tendo em vista a perspectiva intercultural, abrem-se possibilidades de se desenvolverem valores e práticas sociais que valorizem as diferenças culturais, quando se reconhece a incompletude dos saberes, sendo fundamental a visibilidade dos saberes que estão fora da escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalto aqui, mais uma vez, a importância do reconhecimento dos saberes advindos da experiência cotidiana presentes nas práticas de reza e cura de Dona Judite, bem como das rezadeiras de um modo geral, enquanto possibilidade para o ensino de História a partir da perspectiva intercultural. No espaço deste trabalho procuramos problematizar à luz da História Cultural das Práticas Educativas como os saberes, considerados não formais, podem educar.

As memórias e história de vida de rezadeira, sob o ponto de vista da metodologia em História Oral, constituiu-se enquanto a principal fonte analisada neste trabalho, onde no tópico intitulado “HISTÓRIA DE VIDA, MEMÓRIA DE REZADEIRA: uma leitura dos saberes e práticas de reza a partir da História Cultural”, procuramos destacar a arte presente nas práticas de reza, enquanto um saber intergeracional que se constitui na oralidade. As falas dos sujeitos escolares, também foram outra importante fonte de pesquisa na construção deste trabalho, que abriu espaço para a percepção do reconhecimento de outros saberes para além daqueles socialmente valorizados e reconhecidos no currículo oficial, contribuindo para pensar a possibilidade de ensinar História através da interculturalidade.

No decorrer deste trabalho, analisamos as práticas educativas no saber-fazer da rezadeira: de que modo as práticas da rezadeira, sua história de vida e memória são educativas e dialogam interculturalmente com a escola através do ensino de História? Ser rezadeira, consiste numa arte que busca, por meio de uma sabedoria milenar, medicar o corpo (e também a alma) através de sua prática, e que encontra na oralidade uma forma de transmitir estes saberes da experiência cotidiana que podem estabelecer um diálogo com o cenário escolar.

Apesar de não serem reconhecidos pelo currículo formal, os saberes da rezadeira se constituem, sim, como uma forma de educar, mas que dentro de um universo escolar que valoriza o saber escrito, não encontra eco para educar através da oralidade. Portanto, deve ser reconhecida como possibilidade para ensinar

História dentro de uma perspectiva intercultural. Este trabalho foi, sem dúvidas, muito significativo para o autor que vos escreve, e que terá a prática docente marcada e influenciada pelas reflexões aqui suscitadas.

ABSTRACT

This paper has for object analyze the practices of the healer in the school space through the intercultural dialogue between the history teaching and the knowledge of these women in the context of history cultural education the educative paper of the healer in the school space, emphasizing the memory and the life story of these woman like educational in the campinense cenary. Through the know-do built in the oral traditional of the practices of healing and pray, that assume daily an alternative character of the medicine knowledge, oficial say, the healer figure emerging as popular representative of the knowledge acquired in life experience, and find in the memory and in the speech an educational form. In the intercultural perspectives some knowledges can compose the curriculum and it is constitute as an educational possibility in the school context in interface with the history teaching. In this way, we discuss the theme in the field of Cultural Education of History from theoretical interlocutions with Certeau (2008), Foucault (1996, 2005), Candau (2014a, 2014b) e Pacheco (2010), in order to problematize the elaboration of the daily practices from an consume operation, that figures as an alternative to normalization of the scientific knowledge social valued, searching to promote the recognized of the other ways to know. We resort to oral relats of one healer woman as the analyzed source in the light of the methodology of Oral History, linked to the analyze of the speech contet of students and the history teacher about the possibilities of the dialogue with the knowledges of the life experiences and the history teaching. So, we conclude that, although it being not recognized or include in the curriculum, these knowledges show as an important possibility of teaching history in the cultural bias.

Keywords: Practices of prayer. Healer Woman. Intercultural. Teaching History.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia. “Currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária”. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 28-42.

BARROS, José D’ Assunção. **A Nova História Cultural**. Considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, v. 12, n. 16, 1º sem. Belo Horizonte, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**; tradução João Vanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, n. 19, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**; tradução Sergio Goes de Paula. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANDAU, Vera Maria. “Educação intercultural: entre afirmações e desafios”. In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014a.

CANDAU, Vera Maria. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas**. Educação, v. 37, n. 1, p. 33 – 41, 2014b.

CERTEAU, Michel de. “A formalidade das práticas: do sistema religioso à ética das luzes (XVII-XVIII)”. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; tradução Ephraim Ferreira Alves. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. “Do social ao cultural” In: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**; tradução de Cristina Antunes. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. **Ser Rezadeira**: Experiências e práticas culturais de participantes da Medicina popular. Gov. Mangabeira. Recôncavo Sul da Bahia. 1950-1970. In: *Fazendo Gênero VIII: Corpo, Violência e Poder*, 2008, Santa Catarina. Seminário Internacional *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder.*, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FONSECA, E. N. R.; SÁ, Lenilde Duarte; STORNI, Maria Otília Telles; LOPES, Ana Maria Cavalcanti; BARRETO, Anne Jacquelyne Roque. "Plantas Medicinais: remédios caseiros e benzeção utilizados no cuidado à criança". In. MIELE, Neide. (Org.). **Religiões**: Múltiplos territórios. João Pessoa: Editora Universitária. UFPB, 2007.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & ensino de História**. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**; tradução de L. F. de A. Sampaio. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric. "Introdução: A Invenção das Tradições". In: HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. (Orgs.). **A invenção das tradições**; tradução de Celina Cardim Cavalcante. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**; tradução Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6 ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Os saberes da história**: elementos para um currículo escolar contemporâneo. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 759-776.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTEL, Cristiane Maria Sales. **Rezadeiras, uma fé popular**. OPSIS, vol. 7, n. 8, jan-jun 2007.

RAMOS, Felipe Aires. **Identidades em trânsito**: práticas de reza no Cariri paraibano (1945 – 1960). TCC (Graduação em História). UEPB/ CEDUC, 2013.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre rezadeiras de Cruzeta-RN. Dissertação (Mestrado em Antropologia). CCHLA/UFRN, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Pererga e Paralipomena**, pequenos ensaios filosóficos; tradução Rosana Jardim Candeloro. Edição bilíngue. Porto Alegre: Editora Zouk, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.